

"FAZEI ISTO EM MEMÓRIA DE MIM" (1COR 11,24)

ORAÇÃO EUCARÍSTICA: MEMORIAL DA PÁSCOA DO SENHOR JESUS

Antonio Spirandeli Junior*

RESUMO

O presente artigo discute o que é o memorial, passando pelo conceito de memória até sua formulação religiosa na tradição judaica como um ato religioso, cúlrico e litúrgico do antigo Israel. Apresenta como esta celebração memorial está presente desde o início do cristianismo e como se estruturou a celebração deste memorial na tradição primitiva dos cristãos. Faz uma análise da estrutura das Orações Eucarísticas e o seu significado teológico e litúrgico. Ao final, apresenta aspectos para uma vivência espiritual e pastoral deste momento celebrativo.

Palavras-chave: memorial, liturgia, pastoral litúrgica, Oração Eucarística, espiritualidade litúrgica.

ABSTRACT

This article discusses what is the memorial through the concept of memory up to its formulation of religion in Jewish tradition as a religious act, and cultic liturgy of ancient Israel. Shows how this memorial celebration is present from the beginning of Christianity and how they structured the conclusion of this memorial in the tradition of the early Christians. Analyzes the structure of the Eucharistic prayers and their theological and liturgical significance and presents final respects to a spiritual and pastoral experience this moment of celebration.

Keywords: memorial, liturgy, pastoral liturgy, the Eucharistic prayer, liturgical spirituality.

* Licenciado em Filosofia pela UCDB. Bacharel em Teologia pelo UNISAL. Pós-graduado em Gestão Escolar. E-mail: aspirandeli@uol.com.br.

INTRODUÇÃO

Um dos momentos mais importantes da celebração da Eucaristia é a Oração Eucarística. Contudo, muitas vezes não participamos de toda a sua riqueza e profundidade por não a conhecermos melhor. Este pequeno texto busca apresentar a Oração Eucarística como a expressão de ação de graças feita na celebração pascal dos cristãos, ou seja, como podemos render graças a Deus pelo mistério pascal que celebramos em todas as Eucaristias. Para isso, partimos do conceito de memorial desde sua base antropológica até sua vivência para o povo de Israel. Depois, como os primeiros cristãos fizeram seu memorial da Páscoa e como surgiram e se estruturaram as Orações Eucarísticas. Por fim, apresentamos as Orações Eucarísticas atuais em seus aspectos memoriais e sugestões pastorais para que possamos participar melhor desta ação de graças, ou seja, desta Eucaristia.

O CONCEITO DE “MEMORIAL” E SUA FUNDAMENTAÇÃO ANTROPOLÓGICA

Todos os povos fazem memória, conservam a memória de fatos e pessoas que os identificam, que os caracterizam. Contudo, a partir da memória, as religiões encontraram uma categoria para expressar sua vivência religiosa chamada de memorial. Qual a diferença?

A filosofia procurou entender a memória como apreensão do objeto mesmo pela razão (*adequatio*) ou então como apreensão mental da consciência que temos do objeto. Para a psicologia filosófica, a memória é um conhecimento sensível interno com função de conservação e combinação; ou a memória seria a faculdade de conservar e recordar os estados de consciência anteriormente apreendidos.

A antropologia cultural afirma que a memória cultural é preservada pelos símbolos (objetos e ações) que tem um significado memorial. Assim, culturalmente, a memória se torna um memorial quando tem uma significância real para o hoje; superando ou estabelecendo uma nova relação entre tempo e memória para além da extensão e quantidade. As culturas também possuem uma memória coletiva, que é um conjunto de conteúdos compartilhados pelas pessoas de um mesmo grupo cultural. A antropologia estabelece ainda a relação entre memória e história, pois a história é a análise crítica dos fatos, e a memória é o que a cultura carrega coletivamente

do seu passado. A história é racional e analítica, e a memória é afetiva e sintética. Assim, o memorial envolve afetivamente e compromete eticamente. O rito simbólico é o meio concreto que as culturas têm para celebrar o memorial, que pode ser religioso, social etc.; pois o símbolo indica uma realidade maior não presente, mas existente e real. Afinal, ritos e símbolos recebem a carga de significados que determinada cultura lhe atribui. O ritual perpetua na história os significados memoriais de uma cultura. A força da ritualidade está no seu fundamento social-transcendente que garante a sua veracidade. A linguagem do ritual oferece uma inteligibilidade da vida, do cosmo e da história. Principalmente os ritos simbólicos religiosos suportam uma carga de significados que dá sentido ao mundo de quem o celebra. Culturalmente o memorial tem uma função de socialização iniciática de identidade para o grupo cultural, pois perpetua a ontologia e a cosmologia de um povo, implicando consequências éticas e estéticas. Há uma retroalimentação entre o rito e a cosmovisão, pois, ao mesmo tempo em que o rito o expressa, o alimenta.

O MEMORIAL NO ANTIGO TESTAMENTO E SUA CELEBRAÇÃO

No Antigo Testamento, o memorial é entendido como “zikaron”, como ritualização do passado que se torna presente pela ação simbólico-ritual. Celebra um fato histórico passado para que este se perpetue na história presente. Biblicamente, a ordem para que se celebre o memorial é um decreto perpétuo como se lê em Ex 12,1-14:

Disse Iahweh a Moisés e a Aarão na terra do Egito: “Este mês será para vós o princípio dos meses; será o primeiro mês do ano. Falai a toda a comunidade de Israel, dizendo: aos dez deste mês, cada um tomará para si um cordeiro por família, um cordeiro para cada casa. Mas se a família for pequena para um cordeiro, então se juntará com o vizinho mais próximo da sua casa, conforme o número de pessoas. O cordeiro será macho, sem defeito e de um ano. Vós o escolhereis entre os cordeiros ou entre os cabritos, e o guardareis até o décimo quarto dia desse mês; e toda a assembleia da comunidade de Israel o imolará ao crepúsculo. Tomarão do seu sangue e pô-lo-ão sobre os dois marcos e a travessa da porta, nas casas em que o comerem. Naquela noite, comerão a carne assada

no fogo; com pães ázimos e ervas amargas a comerão. Não comereis dele nada cru, nem cozido na água, mas assado ao fogo: a cabeça, as pernas e a fressura. Nada ficará dele até pela manhã; o que, porém, ficar até pela manhã, queimá-lo-eis no fogo. É assim que deveríeis comê-lo: com os rins cingidos, sandálias nos pés e vara na mão, comê-lo-eis às pressas: é uma Páscoa para lahweh. E naquela noite eu passarei pela terra do Egito e ferirei na terra do Egito todos os primogênitos, desde os homens até os animais; e eu, lahweh, farei justiça sobre todos os deuses do Egito. O sangue, porém, será para vós um sinal nas casas em que estiverdes: quando eu vir o sangue, passarei adiante e não haverá entre vós o flagelo destruidor, quando eu ferir a terra do Egito. Este dia será para vós um memorial, e o celebrareis como uma festa para lahweh; nas vossas gerações a festejareis; é um decreto perpétuo”.

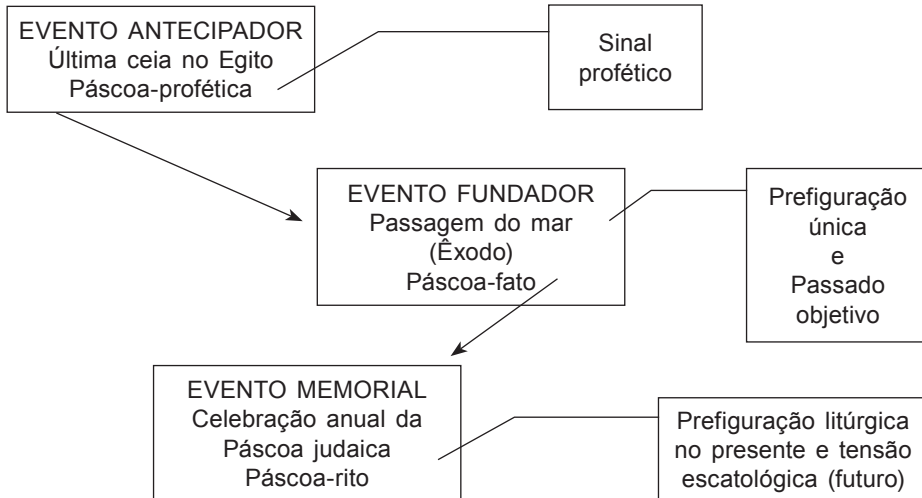
O evento salvífico objetivamente realizado na história se torna eficaz e presente através da celebração memorial.

A memória bíblica não é um ato mental, mas um desempenho religioso, que atinge a pessoa em todas as suas dimensões. Portanto, o memorial tem uma dimensão objetiva, que é seu evento fundante realizado na história passada e que se torna presente pela ação memorial; uma dimensão de recepção subjetiva dos que participam da mesma, envolvendo sua pessoa na integralidade e implicando uma dimensão de práxis para os que a vivem e uma dimensão escatológica, pois é projetivo no tempo, anunciador de um novo futuro.

A dinâmica da celebração memorial é bipartida, pois a celebração memorial recorda a história para pedir para o hoje; o que Deus fez Ele fará. O memorial é essencialmente histórico, pois fundamenta o pedido para uma intervenção de Deus no hoje da história, numa ação de Deus no passado.

Para o Antigo Testamento o evento-chave é o êxodo. Esquemáticamente temos:

Páscoa-profética	evento antecipador	ceia dos ázimos
Páscoa-fato	evento fundador	libertação – êxodo
Páscoa-rito	evento memorial	ceia pascal
Páscoa-escatológica	princípio esperança	terra prometida



A Páscoa tornou-se uma celebração memorial atualizando a libertação do povo do jugo dos egípcios. O rito da ceia pascal revive sacramentalmente a Páscoa. Israel reinterpreto as festas naturais da Páscoa e lhe atribuiu o significado libertador pascal de lahweh. Assim, a Páscoa tornou-se central para a própria autocompreensão de Israel.

A celebração memorial da Páscoa no Antigo Testamento tem como gesto central a ceia. A refeição pascal é uma refeição de ação de graças. Esta liturgia está na própria identidade do povo judeu; a Páscoa é a síntese de toda a teologia e espiritualidade judaica. A ceia pascal é uma celebração comunitária anual que celebra a libertação da escravidão por meio dos gestos simbólico-rituais, principalmente o pão ázimo, o cordeiro e as ervas amargas. Esta celebração foi se estruturando com o tempo, era doméstica e depois foi centralizada no templo, chegando posteriormente a uma síntese: o cordeiro era imolado no templo e a refeição era feita nas casas. O rito da ceia pascal estruturou-se em quatro partes que podem assim ser descritas:

Seguindo o ritual previsto pela Lei, o mais novo dos filhos ou dos presentes devia perguntar ao pai da família por que eles estavam reunidos. Respondendo a esta pergunta, o pai contava a história do êxodo, da saída dos israelitas da escravidão do Egito, da passagem pelo mar Vermelho, da caminhada pelo deserto com os acontecimentos no monte Sinai, até a entrada

“Fazei isto em memória de mim” (1Cor 11,24)

na Terra Prometida, onde podiam viver livremente como povo de Deus. Como reação natural a esse relato, aqueles que o ouviam davam graças a Deus pelos grandes feitos que ele tinha realizado em favor do seu povo; faziam isso cantando a primeira parte dos salmos de Aleluia (Sl 112 a 118). Depois desta ação de graças comunitária começava a ceia. O pai tomava um dos pães que estavam na mesa e, rezando uma bênção, isto é, uma oração de louvor e ação de graças, dividia-o em tantos pedaços quantos eram os participantes da ceia, e dava um pedaço a cada um. Este rito significava a união de todos os que comiam do mesmo pão. Tendo “comido” o cordeiro, o pai tomava um copo com vinho, rezava sobre ele outra bênção e dava este copo para cada um beber dele um pouquinho. Depois rezavam a segunda parte dos salmos de Aleluia.¹

O MEMORIAL NO NOVO TESTAMENTO E SUA CELEBRAÇÃO

O memorial no Novo Testamento tem no fundo a chave pascal, pois foi assim que as comunidades primitivas entenderam a ceia do senhor e a Eucaristia; elas entenderam a Eucaristia como a nova ceia pascal.

Ordem memorial – AT	Páscoa judaica	ceia judaica
Ordem memorial – NT	Páscoa cristã	Eucaristia

Jesus ordenou que se celebrasse o memorial pascal de sua vida, de sua obra redentora. O memorial como ato litúrgico é uma realidade salvífica porque atualiza o mistério pascal. É memorial para que Deus lembre novamente de seu povo e para que o povo não se esqueça de Deus.

O memorial da Páscoa de Jesus é uma ordem recebida. “Fazei isto”² significa cumprir um ato eucarístico, uma ação de graças pela redenção

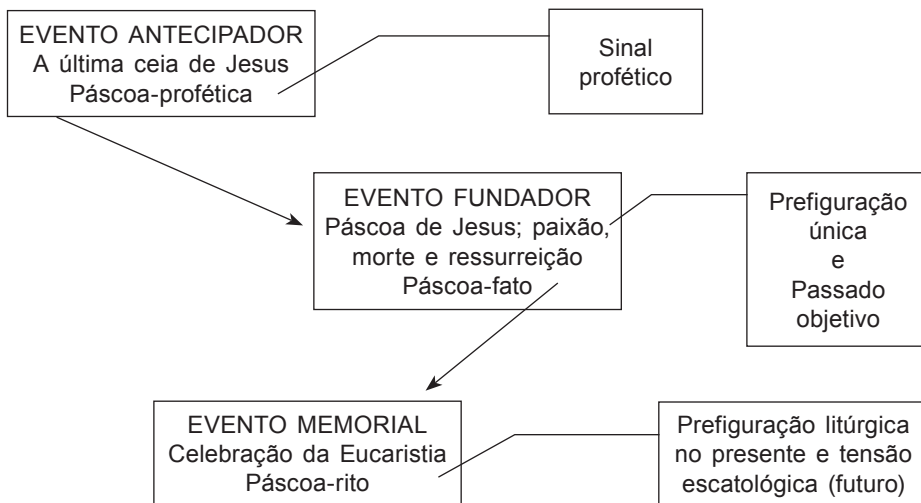
¹ LUTZ, G. Fazer memória e repartir o pão. *Revista de liturgia*. São Paulo: Pias Discípulas do Divino Mestre, n. 69, 1985, p. 3.

² “Com efeito, eu mesmo recebi do Senhor o que vos transmiti: na noite em que foi entregue, o Senhor Jesus tomou o pão e, depois de dar graças, partiu-o e disse: ‘Isto é o meu corpo, que é para vós; *fazei isto em memória de mim*’. Do mesmo modo, após a ceia, também tomou o cálice, dizendo: ‘Este cálice é a nova Aliança em meu sangue; todas as vezes que dele beberdes, *fazei-o em memória de mim*’. Todas as vezes, pois, que comeis

operada por Cristo em seu mistério pascal. “Fazei isto em meu memorial”. Cristo pede um memorial, estabelece o memorial pascal de seu mistério, ou seja, paixão, morte e ressurreição. Assim como há a ordem do memorial para a primeira aliança, Jesus também o faz para a segunda aliança:

Este memorial não é simples lembrança subjetiva, mas ato litúrgico, e não é só ato litúrgico que torna presente o Senhor, mas ato litúrgico que recorda em memorial diante do Pai o sacrifício único do Filho que o torna presente em seu memorial.³

A Páscoa-fato de Jesus se torna a Páscoa-rito atualizada no tempo histórico. Esquemáticamente:



Páscoa-profética	evento antecipador	ceia de Jesus
Páscoa-fato	evento fundador	cruz – ressurreição
Páscoa-rito	evento memorial	Eucaristia
Páscoa-escatológica	princípio esperança	Reino de Deus

desse pão e bebeis desse cálice, anunciais a morte do Senhor até que ele venha” (1Cor 11,23-26).

³ NEUNHEUSER, B. Memorial. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. (dir.). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 730.

A ressurreição é o evento central do cristianismo. A Páscoa é a chave para toda a espiritualidade e toda a vida cristã, pois a vida cristã deve ser uma Páscoa.

O memorial da Páscoa para o Novo Testamento foi fixado na forma celebrativa da Eucaristia. A Páscoa de Cristo foi entendida como o novo êxodo. A Eucaristia passou a ser a Páscoa dos cristãos com a mesma valência da Páscoa dos judeus. A ordem de Jesus é para que se repitam os gestos sacramentais que fazem a memória de sua Páscoa. Jesus, ao pedir que se faça memória dele, dá convicção de que esta instituição é de sua própria vontade, pois nenhum judeu ousaria alterar o memorial pascal.

Celebrar é essencial para a fé. A celebração memorial da Páscoa de Jesus foi se estruturando com o tempo. Com a helenização, o marco da refeição foi cedendo espaço para o caráter sacramental, sendo que a comensalidade deu lugar à ação de graças. Por isso, mesmo o nome desta celebração mudou de fração do pão para Eucaristia = “ação de graças”. Isto também porque a Eucaristia foi se distanciando da ceia judaica. Polarizou-se na Palavra de Deus e na ação de graças sobre o pão e o vinho.

Para celebrar esta ação de graças é que foram surgindo o que chamamos de Orações Eucarísticas. Surgiram num contexto litúrgico-sacramental, daí sua importância para a Eucaristia, pois pelos sacramentos os cristãos se tornam participantes do mistério pascal. Cristo age na liturgia unido à Igreja e por meio desta se faz presente na história. O mistério pascal é dispensador, por meio dos sacramentos, da graça pascal. A graça do sacramento comunica o mistério da Páscoa de Cristo. Todo sacramento é revelador e meio de participação no mistério pascal — sacramentalmente. A graça pascal acontece na história pelo acesso sacramental. A Eucaristia é o sacramento do mistério pascal por excelência. A nova Páscoa é a ressurreição de Cristo, e sua celebração é a Eucaristia. Jesus é o verdadeiro cordeiro pascal imolado. É a celebração do novo êxodo. A Eucaristia é a celebração sacramental do memorial da Páscoa de Cristo.

A Páscoa-fato tornou-se, perpetuou-se na história como Páscoa-rito, sendo que a pessoa participante do rito torna-se participante do fato pela mediação sacramental. A comunidade cristã fez uma leitura pascal da vida de Cristo e da Eucaristia. A Páscoa é o fundamento de toda a liturgia e as Orações Eucarísticas são orações de ação de graças pelo memorial do sacrifício de Cristo na liturgia, tornando presente o mistério pascal.

AS ORAÇÕES EUCARÍSTICAS E SUA ESTRUTURA

Os primeiros cristãos utilizaram os moldes das orações judaicas da ceia pascal para compor as primeiras Orações Eucarísticas. Tal é o exemplo de um modelo oracional de ação de graças conservado na Didaqué. A moldura é judaica, mas o conteúdo é cristão. Assim, o gênero literário das Orações Eucarísticas tem sua origem na eucologia judaica, que incorporou seu conteúdo cristão.

Propriamente, as Orações Eucarísticas são orações de ação de graças dirigidas ao Pai por sua ação na história de seu povo por meio de Cristo no Espírito Santo. O motivo central de nossa ação de graças é a Páscoa de Jesus, nossa Páscoa. Quem dá graças já reconheceu a salvação realizada por Deus em Cristo. Assim, dar graças tornou-se central na liturgia cristã. A Oração Eucarística é o ápice do memorial, pois faz a memória dos gestos e das palavras de Jesus e pede a ação de Deus no hoje da história; é central na liturgia eucarística.

Pode-se dividir a Oração Eucarística nas seguintes partes:

Diálogo invitatório – estabelece o diálogo entre Deus e a assembleia e faz o convite para que todo o povo com atenção à presença de Deus inicie a ação de graças.

1. *Prefácio*: quando o sacerdote, em nome de todo o povo santo, glorifica a Deus e lhe rende graças por toda a obra da salvação ou por um dos seus aspectos, de acordo com o dia, a festividade ou o tempo.

2. *Santo* (pós-santo): toda a assembleia, unindo-se aos espíritos celestes, canta o Santo. Esta aclamação, parte da própria Oração Eucarística, é proferida por todo o povo com o sacerdote.

3. *Epiclese sobre os dons*: na qual a Igreja implora por meio de invocações especiais a força do Espírito Santo para que os dons oferecidos pelo ser humano sejam consagrados, isto é, se tornem o corpo e sangue de Cristo.

4. *Relato institucional*: quando pelas palavras e gestos de Cristo se realiza o sacramento do sacrifício que ele instituiu na última ceia, ao oferecer o seu corpo e sangue sob as espécies de pão e vinho, e ao entregá-los aos apóstolos, como comida e bebida, dando-lhes a ordem de perpetuar este mistério.

5. *Aclamação anamnética*: é o anúncio pascal por excelência da celebração eucarística.

6. *Anamnese — oblação*: pela qual, cumprindo a ordem recebida do Senhor através dos apóstolos, a Igreja faz a memória do próprio Cristo, lembrando principalmente a sua bem-aventurada paixão, a gloriosa ressurreição e a ascensão aos céus. Também a Igreja, em particular a assembleia atualmente reunida, realizando esta memória, oferece ao Pai, no Espírito Santo, este sacramento do sacrifício de Cristo e os fiéis oferecem-se a si próprios.

7. *Epiclese sobre os comungantes*: invoca a força do Espírito Santo para que a hóstia imaculada se torne a salvação daqueles que vão recebê-la em comunhão.

8. *Intercessões*: pelas quais se exprime que a Eucaristia é celebrada em comunhão com toda a Igreja, tanto celeste como terrestre, que a oblação é feita por ela e por todos os seus membros vivos e defuntos, que foram chamados a participar da redenção e da salvação obtidas pelo corpo e sangue de Cristo.

9. *Doxologia*: que exprime a glorificação de Deus e é confirmada e concluída pela aclamação *Amém* do povo.⁴

Por sua própria organização pode-se perceber a centralidade da Páscoa na Oração Eucarística, pois é a aclamação anamnética, ou seja, a aclamação que faz a memória da Páscoa que é o fundamento desta ação de graças memorial.

Diálogo invitatório

1.prefácio

2.santo (pós-santo)

3. epiclese sobre os dons

4. Relato Institucional

5. *aclamação anamnética – é central na prece e na Eucaristia mesmo*

6. anamnese – oblação

7. epiclese sobre os comungantes

8. intercessões

9. doxologia

Amém!

⁴ Cf. Instrução geral do Missal Romano, n. 79.

Elementos memoriais nas Orações Eucarísticas

Por ser uma oração especificamente memorial, destacamos três elementos tipicamente memoriais que compõe a mesma.

a. *A ordem memorial.* Jesus deu uma ordem: “Fazei isto”. Fazer o quê? Celebrar o memorial da Páscoa é fazer o que Jesus fez: tomou, deu graças, partiu e deu. A ordem de iteração se faz em toda a liturgia eucarística celebrando os gestos e as palavras de Jesus na força do Espírito. Portanto, há um paralelo entre os gestos e palavras de Jesus e a própria liturgia eucarística.

Última ceia	Liturgia eucarística
Ele tomou o pão – cálice com vinho	Preparação das oferendas
Deu graças	Oração Eucarística
Partiu o pão	Fração do pão
E deu	Comunhão

Jesus, antes de sua morte, deu uma ordem de iteração que é perpetuada pela via sacramental da Eucaristia. Pela ação de Jesus que é iterada no rito, é que entendemos o “fazei isto” que mostra o sentido mesmo da nova Páscoa, corpo doado e sangue derramado pela salvação. Assim, participar da Eucaristia é aderir ao projeto de Jesus. A participação sacramental na Páscoa nos faz viver em Páscoa. O corpo sacramental gera o corpo eclesial que transforma o corpo social em vista do corpo escatológico. Somos chamados a fazer memória da Páscoa de Jesus para que nos tornemos também Páscoa para o mundo de hoje. É uma ordem litúrgico-sacramental que atualiza e perpetua o mistério pascal. Os cristãos se consagram a Deus doando a própria vida ao projeto de Jesus que doou sua vida ao Pai e pelo Reino.

b. *A aclamação anamnética.* O mistério pascal é proclamado por todos no coração da Oração Eucarística. É o anúncio memorial da Páscoa de Jesus. Anunciar a ressurreição de Jesus é proclamar a nossa fé, o nosso compromisso de sermos pessoas de ressurreição. Há um elemento escatológico nesta aclamação. A luta pela vida na história é antecipação do Reino que virá. É uma luta escatológica, pois tende a se plenificar no Reino; na história, os cristãos são sinais desta plenitude. A Eucaristia possui esta

tensão escatológica, este antegozo, esta antecipação do Reino de forma sacramental.

c. *Prece memorial.* É o oferecimento de toda a Igreja juntamente com Jesus no sacramento de seu sacrifício único. É a memória da entrega de Cristo na cruz feita prece na Oração Eucarística. O sacrifício que ofertamos não é o pão e o vinho, mas o memorial do único sacrifício, o da cruz, ao qual somos associados sacramentalmente. Por isso, o sacrifício de Jesus é o sacrifício da Igreja. A Eucaristia não é um sacrifício propriamente dito, mas memorial sacramental do único sacrifício. A Eucaristia é um sacrifício espiritual e de louvor. O que oferecemos ao Pai sacramentalmente é o sacrifício de Cristo. Oferecemos ao Pai sacramentalmente o memorial do sacrifício de Cristo e existencialmente a nós mesmos (Igreja) associados a Cristo. É o verdadeiro ofertório da missa, onde nos oferecemos ao Pai juntamente com Cristo.

A ORAÇÃO EUCARÍSTICA COMO FONTE DE ESPIRITUALIDADE

A participação é fonte de vida espiritual. A Oração Eucarística é a vivência celebrativa da espiritualidade pascal. A Eucaristia é a expressão da vida e alimento da mesma. A Oração Eucarística conduz a entender a vida cristã como uma Páscoa. A espiritualidade litúrgica é essencialmente pascal. O essencial para a espiritualidade cristã é viver a Páscoa no culto e na vida. O mistério pascal deve transparecer como o centro de toda liturgia e das Orações Eucarísticas. A liturgia deve nos fazer participantes e testemunhas do mistério pascal; é o lugar teológico onde se faz sacramentalmente a experiência do mistério pascal. Celebra a pascalidade da vida e faz da vida uma Páscoa.

Os sacramentos falam de Deus, Deus nos fala e nós falamos a Deus. Para isso, é preciso a fé, que é condição para viver a liturgia, e ao mesmo tempo, a liturgia alimenta a fé. Na fé participamos da liturgia. Sua ritualidade externa e sua vivência interna são os meios antropológicos para vivenciar a liturgia.

A liturgia deve ser a resposta pascal às situações concretas da vida. Por isso, a liturgia nos leva a agir no mundo. É na história que se vive a Páscoa e é na celebração que se lê a história como um processo pascal. A Páscoa de Cristo se faz Páscoa na vida do povo de Deus — “pascalização”

da história. Quem vive em Cristo se transborda em Páscoa para o mundo. A Oração Eucarística é um louvor, um agradecimento a Deus Pai pela obra de Jesus e um pedido para que esta Páscoa continue acontecendo na história até a plenitude do Reino. É o mesmo Espírito Santo que realizou a Páscoa de Cristo que realiza a Páscoa na vida dos cristãos. A vida é uma Páscoa, um processo pascal. A espiritualidade pascal é viver o mistério pascal na história e celebrá-lo na liturgia. Quanto mais pascal a celebração, mais transformamos a vida. Assim, a Páscoa transforma a pessoa, a Igreja, a sociedade.

SUGESTÕES PASTORAIS PARA A VIVÊNCIA DAS ORAÇÕES EUCARÍSTICAS

Aqui oferecemos algumas sugestões pastorais para a vivência mais intensa das Orações Eucarísticas, pois ainda na maioria das celebrações, infelizmente, temos a impressão de que a liturgia eucarística, e de modo especial a Oração Eucarística, é toda ela feita pelo padre e somente por ele. Isto é totalmente contrário ao sentido profundo da liturgia renovada pelo Concílio Vaticano II, no qual quem é chamado a celebrar a Eucaristia é todo o povo cristão, reunido em assembleia.

A nova perspectiva teológica do Concílio Vaticano II insistiu na participação consciente e ativa e na centralidade do mistério pascal em toda a liturgia, na qual o sujeito da celebração é a comunidade eclesial. Pastoralmente, insiste-se na participação consciente e ativa da assembleia como povo sacerdotal e sujeito da celebração com ministérios diversos. O povo de Deus deve participar ativamente da prece eucarística. Primeiramente, associando-se ao presidente no silêncio interior. Depois, com as aclamações, que são apropriadas para as Orações Eucarísticas. Aclamando e interiorizando, a assembleia se associa ao presidente para elevar ao Pai a ação de graças pelo mistério pascal de seu Filho no Espírito Santo.

Assim, se ajudará a assembleia a relacionar a Oração Eucarística com o todo da Eucaristia, percebendo e relacionando-a com a Palavra de Deus ouvida, com o memorial de ação de graças, com a comunhão do pão e do vinho e com o compromisso de testemunhar o evangelho da ressurreição na história, evitando a compreensão da liturgia eucarística como devoção ao “Santíssimo Sacramento” entendido como presença real de Jesus na

hóstia consagrada e a comunhão, como um “consumo” individual das hóstias consagradas.

Diante destas questões e buscando uma participação ativa e consciente de todos no memorial pascal, podem-se apontar algumas sugestões pastorais que a favoreçam:

a. Diretamente, trata-se mais de renovação das mentalidades das pessoas que dos textos em si. A grande reforma já foi realizada. Agora há que trabalhar para uma vivência mais profunda das Orações Eucarísticas como fonte de espiritualidade para todo o povo de Deus.

b. É preciso uma catequese antes da celebração eucarística que explique os componentes e o sentido desta forma de oração na liturgia, para que o mistério seja experienciado e para que as pessoas que dele participam o façam pela fé. Assim, apenas os iniciados, os convertidos à fé, é que participam com proveito deste memorial. Que esta catequese comece das crianças que se preparam para a primeira comunhão; mas deve estender-se para toda a comunidade.

c. Aos que presidem, pede-se que conheçam a estrutura e o dinamismo da Oração Eucarística. Devem ser bem formados para a função presidencial na liturgia a serviço do povo de Deus. O sacerdote precisa estar consciente de atuar “na pessoa de Cristo”, movido pelo Espírito Santo, que deve conduzir a comunidade orante para “os corações ao alto”.

d. O celebrante principal deve escolher adequadamente a Oração Eucarística de acordo com o mistério celebrado e durante a celebração, antes de iniciar o diálogo invitatório, avisar os concelebrantes.

e. Quando se utiliza uma Oração Eucarística com prefácio móvel, o presidente deve escolher acuradamente o prefácio, privilegiando os critérios cristológicos envolvidos na celebração.

f. O presidente deve estabelecer por meio do diálogo invitatório a relação cultural entre a comunidade reunida e Deus Pai, pois a Oração Eucarística se dirige a Deus Pai.

g. O hino do Sanctus deve ser reconhecido como o que estabelece a união entre as duas assembleias, a celeste e a histórica reunida aqui e agora em oração.

h. A epiclesse sobre as oblatas e o relato institucional devem ser proclamados com a solenidade devida, de maneira sóbria e solene, sem

fragmentações ou variações que deem destaque a esta parte fazendo com que pareçam ser mais importantes que as outras partes da prece eucarística.

i. A aclamação anamnética deve ser feita pelo povo como afirmação de sua fé pascal para os que celebram o memorial.

j. Quando houver concelebrantes, é preferível que se reserve ao celebrante principal a última intercessão para que retome o discurso oracional, expressando a unidade literária da mesma e seu crescente escatológico que a liga com a doxologia.

k. A conclusão da doxologia deve suscitar o “Amém” por parte do povo que celebra o memorial pascal.

l. Aquele que preside deve recitar bem a Oração Eucarística, sustentando com seu sentimento e atitude o que diz, sintonizando a fé com a espiritualidade naquele momento em que celebra.

m. As aclamações não devem ser substituídas por benditos devocionais ou outras frases. Devem ser respondidas por toda a assembleia, podendo ser cantadas.

n. Pelo fato de se tratar de uma aclamação, o ideal é que no momento da aclamação anamnética toda a assembleia fique de pé. Esse é o gesto litúrgico que melhor expressa a atitude espiritual de ressuscitados em Cristo.

o. Adequar a Oração Eucarística com o mistério celebrado escolhendo, dentre as oferecidas no Missal, qual a melhor para aquela celebração. Falta para muitos sacerdotes o sentido do mistério, pois há certa comodidade em recitar somente a segunda Oração Eucarística, por ser mais curta.

p. Promover e ajudar a assembleia a vivenciar o silêncio sagrado e reverencial durante a Oração Eucarística como verdadeiro modo de participação ativa.

q. Visibilizar a pascalidade de toda a celebração eucarística a partir do cotidiano da história daqueles que constituem a assembleia litúrgica, de maneira que se sintam participantes do mistério pascal.

A participação ativa e consciente deve conduzir os cristãos, ao mais precioso fruto do mistério pascal celebrado, que é a consciência de que a própria vida está sendo progressivamente transformada pelos sagrados mistérios celebrados, ou seja, a consciência, a certeza da fé, de que já aqui na história se participa do mistério pascal.

CONCLUSÃO

A vivência celebrativa da Páscoa de Jesus por meio sacramental eucarístico faz dos cristãos que dela tomam parte, ativa e conscientemente, verdadeiras testemunhas da ressurreição. Por isso, a participação consciente e ativa nas Orações Eucarísticas é um caminho de alimento espiritual, de intimidade com Deus, de compromisso com Cristo, de vitalidade no Espírito Santo. Assim, participando do memorial de ação de graças pela Páscoa de Cristo, o cristão toma parte nesta mesma Páscoa e se torna, perante o mundo, uma testemunha de Cristo. A Páscoa celebrada torna-se Páscoa vivida na história, e, quanto maiores forem os esforços para que todos participem plena e ativamente, maiores serão os frutos de compromisso com o evangelho vivido na história.

Este texto, que buscou mostrar a origem do memorial pascal em sua expressão litúrgica nos textos das Orações Eucarísticas, tem como finalidade favorecer um maior conhecimento desta expressão tão bela de nossa liturgia e ao mesmo tempo, conhecendo melhor, celebrar mais intensamente o mistério pascal de Jesus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALDAZÁBAL, J. *A Eucaristia*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- _____. *Que es la plegaria eucarística*. Barcelona: Centro de Pastoral Litúrgica de Barcelona, 2001.
- BECKHAUSER, A. *A liturgia da missa*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- BENTO XVI. *Sacramentum Caritatis. Exortação apostólica pós-sinodal*. São Paulo: Loyola, 2007.
- BÍBLIA. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulinas, 1981.
- BOFF, L. *Jesus Cristo libertador*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BOROBIO, D. *A celebração na Igreja*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BUYST, I.; ARIIVALDO, J. *O mistério celebrado: memória e compromisso*. São Paulo: Paulinas, v. 1 e 2, 2003.
- _____. *A missa*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- _____. *Cristo ressuscitou – meditação litúrgica com o hino pascal*. São Paulo: Paulus, 1995.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Edição Típica Vaticana. São Paulo: Loyola, 2000.

- CONCÍLIO VATICANO II. *Mensagens, discursos e documentos*. Trad. Francisco Catão. São Paulo: Paulinas, 1998.
- CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DO SACRAMENTO. *Instrução Geral sobre o Missal Romano*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- _____. *Inaestimabile donum*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- _____. *Eucharisticum Mysterium*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- JOÃO PAULO II. *Ecclesia de Eucharistia*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- _____. *Dies Domini*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- _____. *Mane Nobiscum Domine*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- LELO, A. F. (org). *Eucaristia: teologia e celebração*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- NADEAU, M.-T. *Eucaristia: memória e presença do Senhor*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- PIXLEY, G. V. *Êxodo*. São Paulo: Paulinas, 1987.
- ROUET, A. *A missa na história*. São Paulo: Paulinas, 1981.
- SARTORE, D.; TRIACCA, A. (dir.). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- LUTZ, G. Fazer memória e repartir o pão. *Revista de liturgia*. São Paulo: Pias Discípulas do Divino Mestre, n.69, 1985.